



O DITO E O VIVIDO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES AFRO-BRASILEIRAS NAS SOCIEDADES RECREATIVAS EM LAGUNA (1900 A 1950)

Júlio César da Rosa¹

A instituição familiar composta de africanos/as e seus descendentes foi negada constantemente por intelectuais como Gilberto Freyre, Oliveira Viana, Oracy Nogueira, Emilia Viotti da Costa, Jacob Gorender, Roger Bastide e Florestan Fernandes. Esta negação está relacionada à concepção que se tinha, no contexto de produção dessa historiografia, daquilo que entendiam como instituição familiar, qual seja, a de que esta somente poderia ser composta por pai, mãe e filhos e sancionada pela Igreja Católica. Aliado a isso, esses autores justificavam a “anomia” das relações entre africanos e seus descendentes na condição de cativos. Nas palavras de Slenes:

As condições da escravidão, sobretudo o empenho dos senhores em tolher “todas as formas de união ou solidariedade dos escravos”, não apenas marcaram o comportamento sexual do cativo, mas também minaram suas formas de vida em família; o resultado, segundo Fernandes, foi que o negro emergiu do cativo num estado de “anomia” ou de “patologia social”, sem os recursos psicológicos e os laços de solidariedade entre parentes tão necessárias para enfrentar a concorrência do imigrante e alcançar a mobilidade social.²

Esta visão racista e carregada de valores morais, este fardo sociológico de patologia social entre estas populações, impossibilitou estes intelectuais de perceberem os arranjos e associações familiares entre os/as cativos/as, forros/as e livres, e que havia a existência da família nuclear entre estes/as, como também, e principalmente, outros laços de parentesco e de solidariedade, que não se baseavam apenas na consangüinidade, mas no compadrio, afetividade, relações estabelecidas que possibilitassem aos/às cativos/as expectativas de liberdade, proteção e autonomia nas limitações impostas pelo regime escravista. É importante assinalar aqui, o conceito de *famílias*, antes entendido como uma categoria nuclear composta por mãe, pai e filhos/as construído pela sociedade ocidental, não podemos generalizar a todas as outras sociedades.

Este conceito é ampliado pelas ciências sociais e humanas, que passam a interpretar as relações de parentescos³ entre africanos/as e afrodescendentes livres, cativos/as e forros/as com outros olhos, percebendo os possíveis arranjos familiares compostos por estes agentes históricos

¹ Mestrando em História na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. juliusdarosa@gmail.com

² SLENES, Robert. W. **Lares negros, Olhares brancos**: Histórias da Família escrava no século XIX. Revista brasileira de História. São Paulo. V.8 nº16, pp-189-203. mar/ago88.

³ REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano**: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 461 p. MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil século XIX. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1998. p. 65.



para garantir sua sobrevivência. Exemplo pontual é o trabalho de Robert Slenes⁴. Em sua pesquisa sobre a instituição familiar cativa no século XIX, o autor evidencia através do estudo de registros de casamento e de batismo, o registro de batismo de uma filha de cativos, confirmando a existência de famílias nucleares, e também evidenciando os arranjos sociais entre os mesmos.

Táticas e intensas negociações eram usadas pelos cativos/as para legitimarem suas famílias tanto no dia-a-dia do cativo como para o senhor/a. A recusa ao trabalho, ameaça ao suicídio, a barganha, foram armas utilizadas para a conquista e construção e preservação da família em cativo.⁵ Na construção dos laços de parentesco as relações de compadrio, laços simbólicos, mas principalmente com intenções de garantir certa proteção ao apadrinhado/a, eram de grande importância, pois nesta relação estava a possibilidade de garantir liberdade para seus filhos/as, com a constante ameaça de separação da família com a venda dos cativos/as pelo seu senhor/a.

Negar a constituição de “famílias escravas” é um discurso que não se sustenta mais, pesquisas⁶ realizadas em diversas localidades do país (Rio de Janeiro, Campinas e Bahia) entre outras, inclusive Florianópolis, desconstruem tais interpretações.

No contexto pós-emancipação surgem diversas organizações formadas por afro-brasileiros/as. Estas organizações surgiram com inúmeras finalidades e em diversos contextos, a exemplo das sociedades recreativas, meu objeto de pesquisa. Estas foram construídas com a intenção de possibilitar à população afro-brasileira um espaço de divertimento, de socialização onde as pessoas tivessem a oportunidade de se reunir com seus pares para organizar festas, reuniões, um ambiente frequentado sem que fossem discriminadas/os ou proibidas/os de entrar. Mas que, principalmente, se constituísse enquanto um lugar de sociabilidade, de reconhecimento público e de visibilidade.

Com a abolição da escravidão, as populações de origem africana foram segregadas dos espaços dos “brancos”⁷, a influência de teorias raciais, da eugenia com a maciça entrada de

⁴ SLENES, 1988. p.189-203.

⁵ CHALHOUB, Sidney. **Visões de Liberdade**. Uma História da Escravidão nas Últimas Décadas na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Sonhos africanos, vivências ladinas**. Escravos e forros em São Paulo. São Paulo: Editora Hucetec, 1998.

⁶ GUIMARÃES, Elione Silva. **Múltiplos viveres de afrodescendentes na escravidão e no pós-emancipação**: família, trabalho, terra e conflito (Juiz de Fora - Minas Gerais, 1828-1928). Juiz de Fora: São Paulo: Annablume, 2006. 347 p. MALAVOTA, Claudia Mortari. **Os africanos de uma vila portuária do sul do Brasil**: criando vínculos parentais e reinventando identidades. Desterro, 1788/1850. p.14. 2007. Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁷ CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de Afrodescendentes em Santa Catarina no século XX. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. (coleção educação para todos), p. 172-3.



imigrantes europeus no Brasil, a higienização, os ranços do racismo e preconceito de uma sociedade que saíra a pouco de um regime, marginalizador que excluiu estas populações, forçando-as a construir o seu próprio “lugar”. Desta forma, as constituições desses espaços não se deram somente em vias de resistência a exclusão, o mesmo constitui-se em um território de solidariedade, sociabilidade e visibilidade, um lugar que estas categorias sociais pudessem freqüentar, e viver entre seus iguais.

Estes espaços de relações sociais não se constituíram apenas para o divertimento, foram verdadeiras extensões da família⁸ afro-brasileira urbana. No seio destas sociedades, as primeiras famílias são formadas por membros fundadores, se estendendo com a adesão de outros membros que se tornariam sócios/as, ou não, mas, que freqüentariam estes espaços.

As organizações associativas ampliavam suas relações para fora dos seus limites territoriais fortalecendo os laços de parentesco entre seus freqüentadores. No caso do Clube Renascença no Rio de Janeiro, por exemplo, “ao ingressaram em um clube, nos moldes do Renascença, onde de acordo com unanimidade dos informantes ‘era uma grande família’, passam a ser pessoas, por estarem ‘agasalhadas’ e ‘protegidas’”⁹.

Para este grupo de pessoas reunidas neste clube a noção de família perpassa o conceito da família nuclear burguesa, o convívio com outras famílias analisado por Joselina da Silva lhes dava a mesma segurança e proteção, a extensão familiar o convívio com pessoas identificadas como seus pares fortalecia tais laços e produzia um horizonte de expectativas entre aqueles/as que se encontravam naquele ambiente.

Os laços familiares vão além da consangüinidade, pois as experiências de preconceito e racismo vividos por essas pessoas influenciaram para uma nova tomada de consciência de que a sociedade os excluiu e agora era necessário ter seu próprio espaço como relata dona Onélia Alano da Rosa freqüentadora da Sociedade Recreativa União Operária de Criciúma fundado em 1937

Naquela época, ter lugar pra se divertir, porque o negro é muito alegre, gostava de estar com a família, com os amigos, com os parentes, se divertindo na maneira que é a tradição do negro, de se comunicar através dos movimentos de braço, a dança, jogo de corpo, extravasar a alegria, a maneira de ser divertida, brincalhona sem resistência, sem observação de olhares proibitivos, exatamente isso para se divertir, para conversar, para falar coisas que só podiam ser faladas por negros, ou que se falasse perto de um branco poderia interpretar mal. Eram ali as reuniões, os encontros exatamente um local para se divertir mesmo.¹⁰

⁸ GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube (Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2006). SILVA, Joselina. **Renascença, Lugar de negros no plural**: construções identitárias em um clube social de negros do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. Rio de Janeiro, 2000, 142 p.

⁹ SILVA, 2000, p. 75.

¹⁰ **Onélia Alano da Rosa**, depoimento oral concedido em 28/07/06.



A família, novamente ressaltada nesta citação, contrapõe a “anomia” e a caracterização de “incompleta” e “desorganizada” como expõe Florestan Fernandes. Podemos ainda, destacar nesta mesma citação, a alegria, a brincadeira e a liberdade sentida pela participante do clube. A segregação da sociedade faz com que a senhora Onélia comente que o clube era um local onde se podia falar sem medo de ser mal interpretada. É importante salientar que a senhora Onélia, além da condição de inferioridade em que era posta por ser de origem africana e carregar o estigma da escravidão pela cor da pele, ainda estava na condição de ser mulher.

A sociedade brasileira do início do século XX cobrava posturas e normas de conduta para as mulheres que muitas vezes contrariavam a realidade de muitas afro-brasileiras. Tendo que trabalhar fora de casa para auxiliar na renda da família ou para sustentar sozinha a própria família, estas mulheres não seguiam o padrão social e cultural das classes mais abastadas que deviam seguir certos comportamentos¹¹. Ao mesmo tempo, as sociedades recreativas, como a freqüentada pela senhora Onélia, exigia comportamentos dignos de alguém que pertencesse àquela agremiação. Percebemos através de interpretação feita pela professora Maria das Graças Maria, de que estas sociedades recreativas organizaram grêmios femininos, dentro dos quais faziam-se “guardiãs da ordem”. Ou seja, uma das principais atribuições dos grêmios era a vigilância sobre as condutas dos/as associados/as. A autora explica esta questão analisando o Grêmio Feminino Flor de Maio pertencente à Sociedade Recreativa União 25 de Dezembro de Florianópolis. Como interpreta a autora, o “principal objetivo era a constante vigilância sobre os casais durante os bailes, tendo proibições tais como beijar no meio do salão, moças solteiras saindo acompanhadas de homens que não fossem da sua família, nem mesmo os namorados”¹². Era comum também que os clubes elegessem rainhas nas suas festividades, como veremos mais adiante.

As sociedades recreativas afirmavam uma posição de *status quo*¹³ entre afro-brasileiros/as. De certa forma, a construção desses lugares demandava poder aquisitivo, tanto financeiro quanto de articulação política no sentido de se relacionar com outros grupos mais abastados para negociar e adquirir seu próprio espaço, visibilidade e respeitabilidade como indica a depoente Marli Brum

¹¹ PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

¹² MARIA, Maria das Graças. **“Imagens Invisíveis de Áfricas Presentes”**: experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940). Dissertação de mestrado, Florianópolis, UFSC, 1997, 185.

¹³ Silva, Joselina da. **Clubes negros**. Interseções- Revista de Estudos Interdisciplinares, UREJ, RJ, ano, n. 1. pg. 47-63. 2000.



Ah sim, com certeza eram os mais, os que tinham o poder aquisitivo melhor né era os que se vestiam muito bem, os que já estudavam que já começavam a ter um estuduzinho né os outros não, os outros já eram mais, mais uma situação bem mais inferior né¹⁴

Os “outros” a quem a depoente se refere são aqueles que não entravam no União Operária de Laguna. O vestir-se adequadamente e ser letrado era uma condição *sine qua non* para diferenciar-se de uma parcela de afrodescendentes que não usufruíam das mesmas condições. Os encontros ocorridos nestes “lugares”, as festas, foram momentos de grande importância proporcionando aos freqüentadores, momentos de auto-afirmação como cidadãos/as, como membros de um grupo com identificações comuns.

As atividades que eram realizadas constantemente eram os bailes de carnaval, bailes de debutantes o baile da mais “Bela Negra”, “Miss Multada” ou “Rainha”, peças de teatro, atividades que a nosso ver aumentavam a auto-estima dos afrodescendentes nestes espaços. Como a depoente freqüentadora do União Operária de Laguna agremiação fundada em 1903 relata “minha tia era costureira, a irmã da minha mãe, e ela falava que elas imitavam muito as madames da Laguna na época né, imitavam muito né, traziam, os modelos de fora elas imitavam tudo”¹⁵. Como já afirmamos, estes homens e mulheres tinham como referência a cultura ocidental e de certa forma ao adotarem estas normas e padrões, afastavam-se dos valores da massa de afrodescendentes que não conseguiram galgar prestígio social e econômico. Ela ainda destaca que:

Tinha a mulher do seu Cacique a dona Petronilha que organizava baile, que organizava blocos (de carnaval) né, a dona Cláudia, que organizava os blocos, ela também que organizava que convidava as moças, mandava fazer fantasias... tinha também a Normélia, a dona Nair, a minha mãe porque a União Operária tinha um palco que organizavam teatro, peças de teatro, peças de dança a dona Nair e dona Normélia. A dona Nair e a dona Normélia eram duas figuras muito importantes no União Operária, minha mãe dizia, desde o tempo da minha mãe, elas já eram mais velhas que minha mãe, eram elas que organizavam as festas, que organizavam, que mantinham os grêmios e organizavam festas e peças de teatro¹⁶.

Estes grêmios surgiram para zelar pela boa conduta, moral e respeito e acabaram extrapolando quando passaram a inculcar outros valores e expectativas entre seus iguais. Aos olhos daqueles desatentos, isso seria uma assimilação dos valores dominantes, mas para aqueles/as, que carregavam o fardo da herança da escravidão, era de suma importância para própria sobrevivência, incorporar alguns valores que lhes garantissem respeito, dignidade e acesso a lugares nunca antes visitados. Neste sentido, as mulheres afrodescendentes foram fundamentais para o soerguimento econômico e moral, cuidando da educação dos/as filhos/as, auxiliando no orçamento familiar visando à ruptura com os estereótipos e o preconceito sobre as populações de origem africana.

¹⁴ Marli Brum, depoimento oral concedido em 29.01.2010.

¹⁵ Marli Brum, depoimento oral concedido em 29.01.2010.

¹⁶ Marli Brum, depoimento oral concedido em 29.01.2010.



O campo de intervenção dessas mulheres era limitado pelos homens, às relações de poder entre homens e mulheres estão implícitas nas organizações de afrodescendentes quando percebemos que na composição das suas diretorias, as mesmas estão excluídas. A elas não estava somente o cargo de vigilância para que as convenções sociais não fossem rompidas dentro e fora dos seus territórios. Seu campo de atuação perpassa a vigilância à medida que percebemos a preocupação com a cultura, educação de seus/as, filhos/as, e sócios/as, com a produção por elas mesmas de peças de teatros entre outras atividades que possibilitasse certa elevação intelectual e cultural para assim romper com os estereótipos que carregavam.

A importância deste trabalho não se limita apenas em contar a história da construção de um clube e/ou sociedades recreativas das populações de origem africana, evidencia o quanto foi discriminatória a sociedade brasileira pós-emancipação, e que esses locais traduzem as táticas e estratégias dos afro-brasileiros para serem visibilizados, além das tensões quotidianas entre homens e mulheres pela conquista de espaço não só na sociedade, mas dentro dos seus ambientes de convivência, evidenciando as relações desiguais entre homens e mulheres fruto das próprias convenções sociais estabelecidas.

Estes espaços construídos ao longo dos anos de 1888 até 1950 em alguns estados do país possuem suas especificidades, mas todos têm algo em comum, foram construídos porque os afro-brasileiros eram proibidos de frequentar os espaços de sociabilidade e lazer dos outros grupos sociais (imigrantes europeus) daquelas cidades. O racismo e o preconceito novamente excluem africanos e afrodescendentes do convívio social com indivíduos desses grupos vindos da Europa. Estes espaços além de serem construídos por causa da segregação, se constituíram em locais de grande importância para as populações de origem africana dessas regiões, pois nestes lugares os mesmo construíram sua auto-estima, formaram famílias, ascenderam socialmente, lutaram por cidadania, visibilidade e respeitabilidade.

Bibliografia

- ANDREWS, George Reid., **Negros e brancos em São Paulo: (1888-1988)**. Baurú: EDUSC, 1998.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 5. Ed. Campinas: Papirus, 2005.
- CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro: experiências das populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX**. Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2008.



- CARNEIRO, Maria José. **Herança e gênero entre agricultores familiares**. Revista Estudos Feministas. Vol. 9. n. 1, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. Ed., Petrópolis: Vozes, 1998;
- CHALHOUB, Sidney. **Visões de Liberdade**. Uma História da Escravidão nas Últimas Décadas na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DIAS, Maria Odila Leite. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 20. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL/MEC, 1980.
- GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube (Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2006).** 308 p.
- MALAVOTA, Claudia Mortari. **Os africanos de uma vila portuária do sul do Brasil: criando vínculos parentais e reinventando identidades**. Desterro, 1788/1850. pg.14. 2007. Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- MARIA, Maria das Graças. **“Imagens Invisíveis de Áfricas Presentes”**: experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940). Dissertação de mestrado, Florianópolis, UFSC, 1997, 185.
- MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil século XIX**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1998. Pg. 65.
- PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. 210 p.
- RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 317 p.
- ROMÃO, Jeruse (org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. (coleção educação para todos). P. 172-3.
- ROSA, Júlio César da. **União Operária: Resistência e Manifestação Cultural Negra em Criciúma na Década de 1930**, 2006. 40. p. Monografia – Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC.
- SCHWARTZ, Stuart B. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Baurú: EDUSC, c2001. 300 p.
- SILVA, Joselina. Renascença. **Lugar de negros no plural: construções identitárias em um clube social de negros do Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. Rio de Janeiro.2000. 142 p.
- SLENES, Robert. W. **Lares negros, Olhares brancos: Histórias da Família escrava no século XIX**. Revista brasileira de História. São Paulo. V.8 nº16, pp-189-203. mar/ago88.